

APRESENTAÇÃO DO ORADOR — Tenho a satisfação e a honra de apresentar-vos Abelardo Duarte, alagoano, nascido em Maceió no dia 18 de maio de 1900; filho do doutor José Antônio Duarte e de dona Maria Clementina da França; médico, pela Faculdade de Medicina da Bahia.

Nenhuma outra apresentação agradaria mais ao doutor Abelardo Duarte, que estas simples palavras; que eu as dissesse e ele comesse a sua conferência.

Foi, na verdade, o que me pediu, com insistência, quando, há dias, o visitei, em sua bela mansão à Avenida Fernandes Lima, em Maceió; que não me derramasse em referências à sua pessoa, ao seu trabalho; que não me alongasse em elogios.

Mas, não será elogio, de certo, referir-me, ao de leve, aos seus trabalhos; ao que fez, ao que é. Se dessa enumeração de tarefas, se desse relato de origens e de parentescos, de atividades, aflorar a figura do homem, simples, sério, dado ao esforço útil, à pesquisa; se de todas essas referências surgir uma resultante sumamente lisongeira ao médico, ao professor, ao historiador, ao chefe de família, ao homem voltado durante toda a sua vida para os superiores interesses do espírito, que não se culpe este simples apresentador.

Pois, aqui está, senhores, um homem que descende de ilustres figuras de alto relevo na sociedade brasileira: de professores, de médicos, como Antônio Teixeira da Rocha, Barão de Maceió, que foi médico da Casa Imperial; de cirurgiões e naturalistas, como esse Egas Carlos Duarte, cujo nome está ligado a uma classificação científica — *mytilus mundaunsi duartii*, o popular sururu, integrado na literatura científica.

“Pertencço a uma família de médicos e de políticos; sou médico, mas a política nunca me interessou” — declarou-me.

Médico sempre foi, desde que saiu da Faculdade de Medicina da Bahia, em 1926, onde a sua tese, sobre *Contribuição ao estudo dos grupos sangüíneos da Bahia* foi aprovada com distinção.

Os cargos mais honrosos tem exercido: professor catedrático do Liceu Alagoano, primeiro médico pediatra, em Maceió; professor titular de Clínica Pediátrica Médica e Higiene da Faculdade de Medicina de Alagoas; professor emérito da mesma Faculdade, da qual foi diretor, de 1953 a 1956; chefe de Clínica Pediátrica Médica da Santa Casa de Misericórdia; participante de congressos, de simpósios, de conferências, no país e no estrangeiro, com a apresentação de trabalhos de pesquisa e interpretação; membro das mais honrosas instituições brasileiras e estrangeiras.

A sua atividade não tem sido, apenas, ligada à medicina, extrapolando, na verdade, para o campo do folclore, da etnografia, da antropologia, da história,

campos em que se move a gosto; os seus trabalhos têm o respaldo de indagações, de buscas, no acúmulo de material, que ele sabe considerar com acerto, tratar com inteligência, extraindo conclusões claras, nítidas, das quais não há o que duvidar.

No período de 1931-1969 publicou, entre outros importantes trabalhos: *Caminhos do Ensino Médico, Aspectos da mestiçagem nas Alagoas, Conquistas e Tendências da Medicina Contemporânea; Um Folgado do Povo, — Bumba-meu-Boi; Negros Muçulmanos nas Alagoas, os Malês; Três Ensaio: do republicanismo nas Alagoas, Episódios do Contrabando de Africanos nas Alagoas, os Jesuítas nas Alagoas, Tribos, Aldeias & Missões de Índios nas Alagoas*. Escreve, agora, uma obra que será dedicada à memória de sua esposa, desaparecida em 14 de abril deste ano: *A Guerra da Independência nas Alagoas*.

Sempre Alagoas, sempre o homem voltado para a sua terra, o homem telúrico, a pesquisar, a ordenar, a concluir, do modo como ireis ver daqui a pouco: na linguagem simples, mas elegante; o fato, o acontecimento, o tipo, nos seus múltiplos relacionamentos, o desdobrar de marchas e contra-marchas; a contribuição pessoal, na lúcida interpretação final; tudo sem derrames literários, na linguagem seca, na quase linguagem do médico, a considerar sintomas e traçar diagnósticos.

Mas, este conferencista não é, apenas, o homem com o seu passado de estudo e trabalho, com as suas obras, com os seus livros e os seus cargos.

Há que se relacionar tudo isso à figura humana: ao homem de bom gosto, ao colecionador, ao "connaissanceur" de imagens, de louçaria, de quadros — do pintor Rosalvo Ribeiro, o maior pintor de Alagoas, possui os seus melhores trabalhos; do homem simples, que vive numa bela casa, onde ele e a esposa reuniram, num ambiente fino e agradável, um rico acervo de obras de arte; do homem cujo *hobby* é a leitura, — como aquele sábio filósofo do século XIV, ele está certo de que "não há maior prazer do que abrir um livro, só, à luz da lâmpada, e tornarmo-nos companheiros do mundo invisível"; isso, talvez, o que ainda o reconcilia com a vida, tão amarga, agora, sem a sua esposa, cuja falta o mergulhou em "l'epouvantable tristesse du jamais plus", como diz o francês Gerbault — "na terrível tristeza do nunca mais".

Eis aí o homem; que ele, agora, fale. Vereis que não falei demais a seu respeito. — JOSÉ CÉSIO REGUEIRA COSTA

Alagoas e a Independência

ABELARDO DUARTE

A Nação inteira, integrada nos mais puros sentimentos cívicos, e o Nordeste inclusive, assinalam a passagem do Sesqui-centenário da Independência do Brasil com demonstrações positivas da pujança e do progresso a que atingiu, em todos os setores, inegavelmente, o grande Brasil de nossos dias.

Pernambuco, de tão notáveis e recomendáveis tradições libertárias, cioso de sua bravura cívica ante a tirania e a submissão, ante o despotismo e a violência, este indômito Leão do Nordeste, está vivendo também este momento de glória nacional.

Amplas razões moveram a Universidade Federal de Pernambuco e a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) — e louvores sem conta por isso merecem — quando instituíram o Curso "O Nordeste e a Independência", possibilitando sob novos moldes a recordação dos feitos e da campanha nacionalista, a luta pela Independência e os seus artífices, o ideal emancipacionista, nestas plagas, senão a revisão de certos pontos considerados merecedores disto, a análise documental mais profunda, serena e meditada, a fundamentação científica dos fatos históricos alusivos, além da explanação de temas à margem da Independência.

Foco cultural e político do Nordeste, em todos os tempos, Pernambuco irradiara para a então Comarca das Alagoas, que lhe pertencia, e afinal, para todas as Capitanias mais próximas, as idéias de liberdade, o ideal democrático, que se haviam implantado, de há muito, em seu solo e que fluíram naturalmente pelo contato de suas populações, pelas trocas e intercâmbio entre as suas mais ilustres e importantes cidades — o Recife, Olinda, Goiana e outras. Cidades que atuaram como centros de atração e dispersão, ao mesmo tempo.